

Museu de Braga

(Projecto)

É com toda a satisfação que se reproduz o seguinte artigo, devido á penna do devotado archeologo, e nosso prezado collaborador, o Sr. Albano Bellino, que ahi advoga a fundação de um museu em Braga, ha muito reclamado, pois mal póde comprehender-se que uma cidade que é capital do Minho, e que dentro de seus muros alberga tantos monumentos archeologicos, não possua ainda um estabelecimento scientifico d'aquella especie. Cf. o que sobre o assunto já se escreveu n-*O Arch. Port.*, VIII, 298.

J. L. DE V.

Sob a epigrapha «O abastecimento das aguas e a remoção da cadeia d'esta cidade», publica este jornal, no seu numero de 17 do corrente, um curioso artigo da lavra do conhecido antiquario bracarense o Sr. João Ferreira Torres, no qual mais uma vez se faz ver á illustre vereação a conveniencia de ser aproveitado o castello da cidade para nelle se installar o museu archeologico ha tanto reclamado.

Optima lembrança que não deve ser descurada por mais tempo, pois desde 1902, em que a Camara da presidencia do Sr. Dr. Julio Sequeira a apresentou numa das suas sessões e este jornal defendeu num bem elaborado artigo, nunca mais se voltou a falar em semelhante melhoramento que tanta honra e proveito daria a Braga!

O castello da cidade, como monumento de arte militar antiga, pertence á terceira classe dos monumentos nacionaes, não podendo portanto a vereação dispor d'elle quando procure, como geralmente se deseja, remover o edificio da cadeia e alienar o respectivo terreno.

É forçoso conservar ali aquella reliquia da historia de Braga; e a applicação relemburada pelo Sr. Ferreira Torres é duplamente vantajosa: concorre para a sua restauração e para o aproveitamento de tantas outras preciosidades d'este importante Convento Juridico da provincia Tarraconense romana.

A torre de menagem deve ficar isolada dos predios a construir no terreno que actualmente occupa o edificio da cadeia, e a parte onde se estabeleceu a guarda será destinada, depois dos convenientes reparos, á communicação com o recinto vedado.

Honra a edilidade de Braga o Sr. Vasco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos, character nobilissimo, que, a exemplo dos seus antepassados, maxime André Jacome de Sousa, citado pelo Contador de Argote no primeiro quartel do sec. XVIII, tem dado sobejas provas de amor aos monumentos antigos, pondo a bom resguardo, junto da sua casa, preciosas inscrições lapidares descobertas em terreno seu.

Isto basta para que tenhamos confiança no entusiasmo com que S. Ex.^a advogará a causa da fundação de um museu, quando os seus collegas a isso se disponham, votando um subsidio pecuniario para as despesas da installação.

É absolutamente desnecessario encarecer as vantagens dos museus municipaes, verdadeiras escolas praticas onde se aprende a amar o passado e onde se estuda arte antiga nos vestigios que nos ficaram do povo-rei e de outros que aqui lhe succederam. Alem d'isso o nosso povo, pelo exame directo dos objectos expostos, adquire conhecimentos que não tem acêrca do valor de muitos d'elles que vão desapparecendo.

Despertem emquanto é tempo e convençam-se de que já hoje não é cedo.

ALBANO BELLINO.

(*Commercio do Minho*, 24 de Fevereiro de 1905).

Antiguidades de Vianna do Alemtejo

(Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, IX, 271)

4. Antiguidade do cemiterio

Estudemos por fim a questão da antiguidade d'este cemiterio.

Os despojos inventariados são pobres e escassos. Nenhum metal precioso, nenhuma obra de arte, quer de bronze, quer de ceramica, quer de vidro; nenhum vestigio nem indicio de abundância. Rudes indigenas deveriam ser os inhumados, incolas que comvizinhavam a *Ebora*, *Municipium Liberalitas Julia* (Hübner, *Corp. Insc. Lat.*, II, 114) a cuja influencia se tinham decerto abandonado havia seculos.

D'entre o que acabo de descrever, vejamos quaes os elementos sobre que posso basear algumas considerações de alcance chronologico.

Á falta de um factor de clara significação, toda a duvida versa sobre a extensão do periodo de tempo subsequente á epoca marcada pela moeda da sepultura n.º 1 (*Arch. Port.*, IX, 284). Esse pequeno bronze é de Constancio II (sec. IV, 323 a 361). E collocados neste seculo, naturalmente o que nos importa saber é se as sepulturas são pagãs ou christãs¹. É clara a relação que esta qualidade tem com a

¹ No sec. III já havia igrejas christãs na Lusitania. No sec. IV celebrou-se o concilio de Illiberris, onde estiveram bispos de Emerita, Ossonoba, *Ebora*. Neste seculo e no V, já florescia á sombra do christianismo homens como S. Damaso, Idacio, Orosio (*Sur les Religions*, par J. Leite de Vasconcellos, pag. 8, *Buletin de Real Academia de la Historia*, 1903, pag. 132). D'este seculo nos restam epigraphes christãs em Mertola.